

A UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS DE DIAGNÓSTICO E PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO EM ASSENTAMENTOS RURAIS: O DIAGNÓSTICO RURAL/RÁPIDO PARTICIPATIVO (DRP)

Participative methods of planning in rural settlements: the rapid rural appraisal (RRA)

Murilo Mendonça Oliveira de Souza¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo geral compreender e analisar as técnicas de Diagnóstico Rápido/Rural Participativo (DRP) utilizadas na confecção de diagnósticos e planos de desenvolvimento sustentável em projetos de assentamento rural da mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Para isso, além do estudo aprofundado das técnicas, acompanhou-se a aplicação de diferentes técnicas em atividades de diagnóstico e planejamento em duas áreas de assentamento nos municípios de Perdizes e Uberlândia, em Minas Gerais, entre os meses de julho de 2006 e julho de 2007. Os resultados obtidos indicaram que as técnicas mostram-se mais eficientes que as anteriores, mas que, ao mesmo tempo, necessitam ser utilizadas de forma mais criteriosa e “participativa” pelos profissionais responsáveis.

UNITERMOS: Participação. Assentamentos Rurais. Diagnóstico Rural Participativo.

ABSTRACT: This paper intends to analyze and comprehend the Rapid Diagnosis Rural Appraisal (RDRP) techniques used to construct the diagnosis and Sustainable Development Plan in rural settlements of Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba region of Minas Gerais State. For that, over the intense study about techniques, it was accompanied the application of different techniques on diagnosis activities and plan in settlements in Perdizes and Uberlândia, between July, 2006 and July, 2007. The obtained results show techniques used nowadays are more efficient than older ones, although they need to be used as more criticalness and participative by responsible professions.

KEYWORDS: Participation. Rural Settlements. Rapid Diagnosis Rural Appraisal (RDRP).

A partir da década de 1980, com o processo de redemocratização do país, o termo *participação* passou a ser utilizado como palavra-chave, especialmente para dar legitimidade às ações realizadas por organizações e instituições políticas e sociais, assim como outras, em seu devido tempo, passou a ser utilizada como palavra *mágica*. Aquela que serviria para qualquer ocasião e solucionaria qualquer problema. Essa dinâmica serviu, em primeira instância, para *controlar* a participação do povo nas decisões e debates mais importantes. Esse tipo de participação se insere em um processo de educação que não é libertadora, que submete e domestica, não permitindo, de acordo com Freire (1979), a apreensão do conhecimento em questão. Nesse novo contexto, educação e participação assumem nova roupagem, mantendo, contudo, a antiga estrutura política e social.

¹ Doutorando em Geografia pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenador Técnico da APR (Animação Pastoral e Social no Meio Rural).

A ideologia dominante objetivou manter a participação do indivíduo e restrita aos grupos baseados em relações sociais primárias, como o local de trabalho, a vizinhança, as paróquias, as cooperativas, as associações profissionais etc., de modo a criar uma *ilusão de participação* política e social (BORDENAVE, 1995). E, mesmo nas organizações locais, muitas vezes a participação, também, é ilusória. Por outro lado, não podemos negar que esse processo, também, promoveu uma mudança entre as massas populares. Seja qual for a forma de participação, algumas lideranças populares têm estado mais no cenário político, regional e municipal.

Bordenave (1995) classifica a participação de forma geral em: imposta, voluntária, manipulada e concedida. Na participação *imposta*, o indivíduo é obrigado a fazer parte de grupos e realizar certas atividades consideradas indispensáveis. O voto obrigatório pode ser considerado um exemplo desta forma de participação. Na participação *voluntária*, o grupo é criado pelos próprios participantes, que definem sua própria organização e estabelecem seus objetivos e métodos de trabalho. São exemplos os sindicatos, as cooperativas, os partidos políticos etc. Contudo, algumas vezes, esta forma de participação é provocada por agentes externos, o que constitui a participação *manipulada*. Nesse caso, os agentes externos ajudam outros a realizar seus objetivos ou os manipulam no sentido de atingir seus próprios objetivos, previamente estabelecidos. Tem-se ainda a participação *concedida*. Este é o tipo de participação que ocorre na grande maioria dos Diagnósticos e Planejamentos Participativos desenvolvidos em diversos âmbitos do dia-a-dia social pós-redemocratização.

Para Gomes et al (2001), o conceito de participação, no âmbito dos processos de diagnósticos e planejamentos participativos, pressupõe divisão de poder no processo decisório, passando pelo controle das partes sobre a execução e a avaliação dos resultados pretendidos. Ou seja, participar, neste caso, é tomar parte das decisões e ter parte dos resultados.

Nesse contexto recente de promoção da participação popular na construção de políticas públicas se destaca o surgimento de uma infinidade de técnicas e metodologias participativas para diagnosticar e, especialmente, planejar as novas propostas para o desenvolvimento socioeconômico do país. Uma grande quantidade de siglas que representam novas metodologias surge a cada dia, em que cada profissional defende sua técnica ou metodologia como sendo a mais perfeita e abrangente entre todas as outras (BROSE, 2001).

No âmbito dessa miríade de metodologias se encontra o DRP² (Diagnóstico Rápido/Rural Participativo), com origem nos trabalhos de Robert Chambers, nos Estados Unidos. A metodologia prega, além da maior rapidez na obtenção de dados importantes para a promoção do desenvolvimento socioeconômico de populações rurais, a participação ativa dos beneficiários envolvidos no processo e uma multidisciplinaridade técnica. O DRP tem sido utilizado, cada dia mais, por diversas entidades e organizações em processos de diagnóstico e planejamento rural. Ganhou destaque, entretanto, com o advento da luta pela terra e o surgimento de uma infinidade de assentamentos rurais em todo o país, nos quais a metodologia se tornou quase que de utilização obrigatória para o diagnóstico e planejamento socioeconômico.

Em todo o país, e especialmente em Minas Gerais, as técnicas de DRP têm sido utilizadas,

² O DRP surgiu do Rapid Rural Appraisal (RRA) desenvolvido por Robert Chambers nos Estados Unidos (GOMES et. al, 2001).

indiscriminadamente, em todos os assentamentos rurais em constituição³. O mesmo acontece nos assentamentos rurais da mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Nessa região, entende-se que a utilização das metodologias participativas, em especial o DRP, representa um verdadeiro avanço para o processo de participação do povo e, conseqüentemente, para a construção de sua cidadania e protagonismo. Por outro lado, acredita-se que as técnicas dessa metodologia devem ser utilizadas de forma criteriosa e realmente participativa.

Em muitos assentamentos, a participação promovida pelo DRP é apenas superficial. Ou seja, apresenta-se sob a forma de participação *concedida*, mencionada acima, em que a comunidade envolvida participa apenas dentro dos parâmetros que já foram anteriormente definidos pelas equipes técnicas responsáveis pela elaboração dos Diagnósticos e Planos de Desenvolvimento. Nesse contexto, o artigo aqui apresentado tem como objetivo geral compreender a forma de utilização das técnicas participativas do Diagnóstico Rápido/Rural Participativo nos Projetos de Assentamento Rural da mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Para isso, além do estudo aprofundado da metodologia, foram testadas diferentes técnicas em atividades de diagnóstico e planejamento em dois projetos de assentamento rural (PA Bom Sucesso II e PA Paciência)⁴ nos municípios de Perdizes e Uberlândia, em Minas Gerais, entre os meses de julho de 2006 e julho de 2007.

A partir do estudo e da vivência das técnicas, foi possível analisá-las de forma mais criteriosa, compreendendo suas reais possibilidades na promoção da educação e da participação popular. A análise foi direcionada para a observação das formas sob as quais as técnicas são aplicadas, entendendo que muitas delas são desvirtuadas no processo de aplicação. Com esse intuito são apresentadas a seguir as técnicas testadas⁵ (e/ou analisadas) nas referidas áreas de assentamento e algumas das reflexões realizadas durante o processo de pesquisa.

Diagnóstico Rápido/rural Participativo (DRP): algumas técnicas utilizadas nos assentamentos rurais

Um processo participativo deve proporcionar a oportunidade de auto-avaliação de si e da cultura do grupo a que pertence, capacidade reflexiva sobre os efeitos de vida cotidianos, capacidade de criar e recriar não somente objetivos materiais, mas, também, e, fundamentalmente, criar e recriar formas novas de vida e de convivência social. As técnicas de diagnóstico e planejamento participativo devem valorizar, por sua vez, o processo de obtenção de informações. É importante que este processo seja, ele mesmo, um fator de formação e discussão política no seio da comunidade. Os dados devem ser utilizados, principalmente, pela própria comunidade.

O DRP deve, também, valorizar o processo de execução do diagnóstico e planejamento, mas, de

³ A estruturação inicial dos assentamentos se dá através da elaboração do PDA (Plano de Desenvolvimento do Assentamento) que, via de regra, é construído com base nas técnicas de DRP.

⁴ No Projeto de Assentamento Paciência estão assentadas 26 famílias, em uma área de 368 hectares, no município de Uberlândia/MG. O Projeto de Assentamento Bom Sucesso II, por sua vez, está localizado no município de Perdizes/MG, onde estão assentadas 44 famílias em uma área de 1.081 hectares.

⁵ As técnicas mais representativas aplicadas foram as seguintes: Mapeamento Participativo; Entra e Sai; Calendário Sazonal; Caminhada Transversal; Diagrama de Venn.

acordo com Pretty et al (1995), o DRP precisa respeitar, ainda, as seguintes características: o reconhecimento de que as populações carentes são criativas e capazes, devendo os técnicos agir como facilitadores; uso de técnicas que permitam maior visualização e um maior compartilhamento das informações, citando como exemplo: a confecção de mapas e diagramas; a importância do comportamento dos técnicos; a efetiva participação dos agricultores na pesquisa; e, a obtenção de informações sobre o meio rural, a partir do conhecimento das comunidades, de uma maneira rápida e efetiva.

Para Chambers e Guijt (1995), deve-se aprender a ver o *processo* como um dos produtos do DRP. Ele deve ser considerado mais que o simples exercício de diagnóstico e coleta de dados. O DRP não pode ser considerado apenas um pacote de técnicas a serem utilizadas indiscriminadamente. Sua principal característica reside no fato de representar uma metodologia aberta, sobre a qual pode-se construir novos caminhos e técnicas. No sentido de entender algumas das técnicas e sua real possibilidade de diagnosticar e planejar de forma participativa e emancipativa, são destacadas abaixo as seguintes técnicas testadas nos assentamentos citados: análise de fontes secundárias; entrevista não estruturada (diálogo); entrevista semi-estruturada; mapeamento participativo; calendário sazonal; entra e sai; caminhada transversal; rotina diária; diagrama de venn; e, matriz de realidade/desejo. Lembra-se, como ressalta Gomes (2001), que estas técnicas não devem ser interpretadas como um pacote fechado, pois a simples aplicação das mesmas não torna participativo o processo de levantamento da realidade.

Análise de fontes secundárias

Na maioria dos casos, já existem informações sobre a região ou localidade onde será realizado o diagnóstico, como documentos, projetos, estudos científicos, mapas, estatísticas, fotos etc. Estas fontes permitem uma visão global da região do diagnóstico. Isto evita repetir o trabalho que já foi realizado por outra pessoa ou equipe. Contudo, é sempre importante analisar com precisão tais fontes, desde que muitos dados são coletados de forma equivocada.

Nos assentamentos pesquisados (PA Paciência e PA Bom Sucesso II) foi possível obter algumas informações de fontes secundárias, especialmente, com entidades de apoio à luta pela terra da região. Contudo, muitas vezes tais informações possuíam caráter político, o que tornou importante uma análise criteriosa de seleção das informações. Tais informações foram, no entanto, extremamente importantes para a seqüência do trabalho proposto. No caso do PA Paciência, especificamente, a análise de fontes secundárias foi extremamente rica, pois o movimento, ao qual os assentados estavam ligados, organiza um arquivo histórico da luta pela terra de suas famílias. Fotos, relatos históricos, recortes de jornais, revistas, entre outras fontes, foram de extrema importância para o resultado do trabalho realizado.

É importante destacar que foi determinante, também, a participação de alguns assentados no PA Paciência durante o processo de levantamento das fontes secundárias. Compreende-se que a releitura histórica promoveu o aumento na participação desses assentados na seqüência do trabalho de diagnóstico realizado no PA Paciência. No caso do PA Bom Sucesso II, em Perdizes, existia

alguns dados, mas as lideranças não os disponibilizaram para a utilização da equipe que estava trabalhando. Isto, sem dúvida, dificultou o processo de diagnóstico nesta área. Considera-se, assim, que a análise prévia de fontes secundárias são imprescindíveis para qualquer tipo de diagnóstico e planejamento, especialmente, aqueles direcionados pelas metodologias participativas.

Entrevista não estruturada (diálogo)

É baseada em um plano claro que é mantido em sua mente. É mais utilizada quando você tem muito tempo e vai fazer um trabalho a longo prazo, em que poderá encontrar o informante várias vezes. Esta técnica permite que as informações obtidas estejam bem mais próximas da realidade. Com o tempo, o entrevistado vai ficando mais à vontade e as informações mais completas. Neste tipo de entrevista, o entrevistador aproxima-se mais do universo do entrevistado.

Essa técnica permeou todo o desenvolvimento das atividades de diagnóstico nos assentamentos analisados. Foi através dela que as informações mais relevantes e qualitativas foram coletadas. Foram aproveitados, especialmente, os momentos de descontração da pesquisa, envolvendo uma maior valorização da vivência do dia-a-dia da comunidade investigada. Em alguns momentos, este tipo de entrevista se prolongou por diversas horas consecutivas. Certamente demandou tempo, mas, ainda assim, mostrou-se como uma das técnicas mais efetivas na coleta de informações mais qualificadas.

No PA Paciência, a técnica do diálogo foi utilizada, em especial, com os assentados mais antigos, ou seja, que participaram de todo o processo de luta pela terra. Isso possibilitou, certamente, a obtenção de informações muito mais qualitativas. Um dos assentados (Seu João), por exemplo, contou toda a história de luta para a conquista do “pedaço de chão” onde vivem hoje. No Projeto de Assentamento Bom Sucesso II, por sua vez, o diálogo cumpriu papel também central na obtenção dos dados necessários para a confecção do diagnóstico proposto. As famílias assentadas, nessa área, vivenciaram um processo de oito anos entre a primeira ocupação e o assentamento definitivo. Com isso, acumularam, além do sofrimento, uma larga história de vida. Dois assentados (Abel e João Brás) e uma assentada (Dona Maria) foram peças centrais nos diálogos realizados durante o processo de diagnóstico e planejamento no PA Bom Sucesso II. As informações e histórias obtidas por meio dessas entrevistas não estruturadas possibilitaram a reconstrução de toda a história de luta dos assentados na área.

Entrevista semi-estruturada

Nas situações em que não haverá uma nova chance para entrevistar alguém, a entrevista semi-estruturada pode ser importante. Ela tem algumas das qualidades da entrevista não estruturada, mas é baseada em um roteiro – lista escrita de questões e tópicos que precisam ser abordados em uma ordem particular. O registro pode ser feito com gravador ou com anotações. É interessante,

neste caso, ter mais de um entrevistador por entrevista. Pode ser realizada com informante-chave, com grupos, individualmente, entre outros.

Segundo Marconi e Lakatos (2003), a entrevista é o encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza informal. No entanto, entende-se que este tipo de entrevista também deve considerar certa informalidade, intercalando questões mais fechadas e direcionadas com argumentações mais abertas. Em um dos assentamentos pesquisados (PA Paciência), esta técnica foi testada. Utilizou-se um roteiro de entrevista semi-estruturada, que, no entender da equipe, foi responsável pelo dispêndio desnecessário de tempo, sem que houvesse o resultado pretendido. Obteve-se uma grande quantidade de dados quantitativos, mas que não refletiam de forma concreta aquilo que se desejava compreender. A não utilização desta técnica no PA Bom Sucesso II, entende-se, não comprometeu os resultados obtidos. As técnicas mais qualitativas foram suficientes para encampar todas as informações necessárias para a confecção do diagnóstico e do planejamento.

A técnica repete diversos equívocos das técnicas estritamente quantitativas, deixando o entrevistador muito preso às questões do roteiro. A grande maioria das informações coletadas com os roteiros ou eram dispensáveis ou poderiam ser coletadas com outras técnicas, mais participativas. Com isso não se descarta a utilização das entrevistas semi-estruturadas, mas compreende-se que, na maioria dos casos, ela é dispensável.

Mapeamento participativo

É uma técnica baseada na coleta de informações baseadas na percepção e conhecimento que os indivíduos e grupos têm do espaço em que vivem. Na construção do mapa podem ser utilizados materiais locais, como folhas, pedras, entre outros. Durante a elaboração do mapa pelos agricultores, vários questionamentos podem ser feitos, como questões sobre o problema ambiental, questão fundiária, as formas de ocupação da área, os tipos de solo presentes na área, as potencialidades e limitações, entre várias outras questões. O mais importante é permitir que a comunidade desenvolva a técnica sem muita interferência da equipe de diagnóstico. Esta deve apenas fomentar a construção do mapa e o debate sobre as questões geradas pela atividade.

Esta técnica foi desenvolvida nas duas áreas pesquisadas. Foi, juntamente com o diagrama de venn, um dos momentos que mais valorizaram o diagnóstico como processo. Representou um momento em que as famílias dos assentamentos trocaram informações sobre a área, refletindo sobre questões ambientais, econômicas e sociais. No PA Paciência, por exemplo, um número reduzido de pessoas conhece a área como um todo e seus problemas. Considerando que muitos dos assentados vêm de outras regiões ou mesmo de outros estados, é importante que conheçam, de fato, as características da área do assentamento. Localizado em área de cerrado, o PA Paciência possui uma riqueza em frutos do cerrado e plantas medicinais, assim como, diversos problemas de degradação ambiental. A realização do mapeamento, nesse contexto, possibilitou que essas características fossem conhecidas e compartilhadas entre todos os assentados. Nesse sentido, o mapeamento ajudou a passar conhecimentos locais para o restante das famílias assentadas. No

PA Bom Sucesso II, a técnica de mapeamento foi também determinante para a construção, posterior, do anteprojeto de parcelamento da área. A definição do tamanho dos lotes e sua localização foi resultado direto da técnica de mapeamento participativo realizado com as famílias assentadas.

Ressalta-se a importância da equipe de diagnóstico que deve estar sempre estimulando a construção do mapa e o debate dos temas. Os membros da equipe devem anotar, literalmente, as informações repassadas durante o desenvolvimento da técnica. Daí a importância de uma equipe multidisciplinar que tenha compreensões diversas da realidade e consiga captar diferentes perspectivas do contexto de cada área pesquisada.

Calendário sazonal

No calendário sazonal, várias informações produtivas podem ser coletadas como distribuição de chuvas, atividades durante o ano, épocas de maior trabalho, épocas de falta de dinheiro, participação de homens e mulheres nas atividades. Estas informações facilitam a implementação de projetos e programas junto aos agricultores, de forma a não conflitar com as demais atividades da propriedade (TERRA, 1997). A aplicação da técnica deve ser realizada, se possível, com um grupo familiar, valorizando a participação de toda a família, em que um membro da família complementa as informações do outro.

A utilização do calendário sazonal ocorreu nos dois assentamentos pesquisados. Buscou-se sua utilização em diferentes sistemas produtivos, que serviram como exemplo para os demais assentados. A técnica foi muito proveitosa com relação à captação da realidade de trabalho, meio ambiente, produção e comercialização dos diferentes sistemas produtivos. Serviu ainda como uma forma de reflexão, para a família assentada, sobre a organização do tempo de trabalho de cada membro familiar. Nesse sentido, as informações servem tanto ao pesquisador como à comunidade ou família pesquisada. Esta técnica se mostrou, posteriormente, muito importante para o trabalho dos técnicos de Assistência Técnica e Extensão Rural, que puderam conhecer com antecedência a utilização do tempo e mão de obra do assentamento.

No Projeto de Assentamento Paciência, por exemplo, o processo produtivo assume um caráter de subsistência, com venda da produção excedente de leite. Nessa área, a realização do Calendário Sazonal (Figura 1) foi extremamente importante para a delimitação (e organização) do tempo despendido com cada atividade. A atividade foi realizada com quatro famílias, sendo que, em todos os casos, houve a participação de todos seus membros. Ocorreu, no momento da aplicação da técnica, uma troca de opiniões entre os membros da família que, via de regra, não ocorre no dia-a-dia.

| Atividade | J | F | M | A | M | J | J | A | S | O | N | D |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Preparo do solo | | | | | | | | | X | | | |
| Plantio | | | | | | | | | | X | X | |
| Colheita do feijão | X | | | | | | | | | | | |
| Colheita do milho | | | | | X | X | | | | | | |
| Época de preparo da farinha de mandioca | | | | | | X | X | | | | | |
| Procura trabalho fora | | | | | | X | X | X | | | | |
| Trabalho com gado de leite | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |

Figura 1. Técnica do Calendário Sazonal desenvolvida entre assentados do Projeto de Assentamento Paciência em Março de 2007. Fonte: Dados da pesquisa, 2007.

No PA Bom Sucesso II, essa técnica foi realizada com cinco famílias, considerando os diferentes sistemas produtivos existentes (ou em estruturação). O resultado da técnica também foi rico para a reflexão familiar, especialmente, no que diz respeito ao trabalho no lote. Algumas famílias conseguiram organizar de forma mais racional o tempo gasto com cada atividade produtiva. As informações obtidas com a aplicação da técnica assumiram, também, características muito mais qualitativas, permitindo a apresentação de um diagnóstico e planejamento bem mais próximo da realidade das famílias assentadas na área.

Entra e Sai

O Entra e Sai é uma ferramenta que permite a coleta de informações de dados econômicos da família ou comunidade. Pode ser elaborada a partir de representações gráficas, fornecendo, assim, uma melhor visualização dos gastos, receitas e possibilidades existentes na área (TERRA, 1997). O mais importante, a técnica deve permitir uma reflexão por parte dos entrevistados. Podem-se utilizar valores para uma análise de custo de produção e lucro, ou somente utilizar a noção por produtos. Nos assentamentos onde a técnica foi desenvolvida, a utilização de valores mostrou-se muito interessante.

No Projeto de Assentamento Bom Sucesso II, o Entra e Sai (Figura 2) foi desenvolvido com seis famílias, de forma individualizada, assim como, com uma comissão de produção, formada entre as famílias assentadas. Essa comissão foi composta por homens, mulheres e jovens assentados que, juntamente, discutiram e trocaram idéias sobre o processo produtivo do assentamento, o que se compra e o que se vende.

| ENTRA | PRODUZ | SAI |
|-------------------|---------------------|---------------------|
| Feira mensal | Leite | Farinha de Mandioca |
| Roupa/Calçados | Maracujá | Maracujá |
| Material Escolar | Mandioca | Leite |
| Remédio | Farinha de Milho | Hortaliças |
| Adubo | Farinha de Mandioca | Café |
| Inset./Fungicida | Doce de Leite | Polvilho |
| Herbicida | Milho | Frango |
| Calcário | Café | Ovo |
| Ração | Arroz | Farinha de Milho |
| Sal Gado | Feijão | Doce de Leite |
| Remédio Gado | Hortaliças | Feijão |
| Hora de Trator | Jiló | Bezerro |
| Energia | Abóbora | Pimenta |
| Esterco | Tomate | Farinha Lisa |
| Gasolina | Quiabo | |
| Ração Frango | Frango | |
| Embalagens | Ovo | |
| Mensalidade Feira | Bezerro | |
| Gás | Porco | |
| Peneira | Laranja | |
| Limpeza Tanque | Banana | |
| Equipamento | Farinha lisa | |
| Irrigação | Pimenta | |
| Trabalho | Polvilho | |

Figura 2. Entra e Sai aplicado no Projeto de Assentamento Bom Sucesso II em julho de 2006. Fonte: Dados da pesquisa, 2006.

No PA Paciência aplicou-se a técnica com cinco famílias, sendo uma de cada sistema produtivo existente ou em estruturação no assentamento. Os assentados participaram ativamente da dinâmica estabelecida pela metodologia. Como em outros momentos, foi relevante o envolvimento integrado da família na construção do quadro que compõe a técnica do Entra e Sai. A atividade permitiu uma reflexão mais detida das famílias quanto aos gastos com insumos comprados e com os produtos vendidos nos lotes familiares.

De forma geral, a técnica pode ser utilizada em núcleos familiares ou em grupos maiores como associação de produtores, grupos de produção etc. É importante lembrar-se que é sempre possível adaptar a técnica a cada momento e experiência de diagnóstico e planejamento. Assim como em outras técnicas, é imperativo o privilegiar o caráter pedagógico, valorizando o protagonismo dos produtores envolvidos na atividade. São os produtores que irão refletir sobre sua produção e os ganhos advindos dela. Enquanto isso, os técnicos que aplicam a metodologia têm o papel de estimular e levantar hipóteses para fomentar a discussão e o debate entre núcleo familiar ou o grupo de produtores.

Caminhada Transversal

A Caminhada Transversal consiste em percorrer uma determinada área, acompanhado de informantes locais e que conheçam bem a região. Nessa caminhada, observa-se todo o agroecossistema por onde se passa. Todo o percurso deve ser representado e anotado. Deve-se estar atento à paisagem e indagando ao informante sobre questões pertinentes àquele local, como problemas ambientais, situação no passado, realidade presente, perspectivas, potencialidades e limitações. Em alguns casos esta atividade pode ser útil também para coletar amostras de vegetação, solo etc. Um gravador pode ser utilizado para que os técnicos não se preocupem muito com as anotações e as informações sejam mais fidedignas. Podem ser utilizados, também, esquemas ou desenhos representativos das características geomorfológicas da área.

A técnica de Caminhada Transversal foi utilizada nos dois assentamentos pesquisados com grande riqueza de informações coletadas. Além do levantamento florístico e faunístico, foram identificadas e discutidas as principais limitantes ambientais. Durante a própria caminhada discutiram-se ainda possíveis soluções para os problemas ambientais identificados. Essa técnica foi utilizada também para uma preliminar definição de áreas de reserva legal e preservação permanente. A realização desta técnica tornou-se, sem dúvida, um momento extremamente rico tanto em termos pedagógicos como em termos práticos para coleta de informações.

A realização da caminhada transversal no PA Paciência teve como resultado, em especial, a definição das áreas de reserva legal, a identificação de áreas de preservação permanente e a eleição de áreas prioritárias para recuperação ambiental. Participaram da caminhada 10 pessoas, divididos entre homens, mulheres e jovens. Cada um, com seu conhecimento, colaborou na identificação de espécies, vegetais ou animais. Também na determinação do uso (medicinal ou alimentar) de cada espécie identificada. Um dos assentados relatou durante a caminhada que “do cerrado a gente tira desde o alimento até o remédio”.

No Projeto de Assentamento Bom Sucesso II, a técnica foi, também, muito rica em resultados imediatos e na reflexão das famílias assentadas. Nessa área, realizaram-se duas caminhadas em regiões diferentes do assentamento. Os próprios assentados, que já viviam na área há mais de cinco anos, sugeriram que fossem formados dois grupos, que conhecessem mais especificamente sua região. Cada grupo identificou as características de uma parte do assentamento. Foram definidas as áreas de reserva que seriam indicadas e as áreas onde se iniciariam projetos de recuperação ambiental. De acordo com as famílias que participaram da técnica, foi importante também o aprendizado coletivo promovido pela atividade, pois alguns assentados conheciam a área melhor que outros.

Rotina Diária

A técnica da Rotina Diária pode ser considerada um complemento do calendário sazonal. Permite visualizar a distribuição do trabalho ao longo do dia. Deve ser aplicada entre diversas pessoas da

família (homem, mulher, jovens) e para diferentes épocas do ano. É muito válida para compreender o dia-a-dia da família. Deve ser realizada com famílias de diferentes sistemas produtivos. As informações acessadas por esta técnica são importantes para os futuros trabalhos das equipes de assistência técnica.

Nos assentamentos pesquisados, essa metodologia foi importante para o estabelecimento de um contato mais efetivo e qualitativo com algumas famílias. Foram coletadas informações relacionadas ao dia-a-dia da família, como horário em que cada membro acorda, horários de estudo e de trabalho de crianças e adolescentes, organização do trabalho dentro do assentamento e fora do lote. A técnica ajudou na compreensão da organização do tempo de cada família, facilitando, posteriormente, o trabalho de planejamento de atividades produtivas e culturais.

No PA Paciência, foram realizadas cinco rotinas diárias, levando em consideração o pertencimento a diferentes sistemas produtivos. Nesse assentamento, a técnica foi realizada com toda a família. Foi interessante a reflexão promovida pela técnica, pois cada membro da família apresentava seus horários e como eles poderiam ser adaptados para que a divisão familiar de tarefas fosse mais igualitária, ou mesmo, para facilitar o trabalho de técnicos. Em alguns lotes houve, a partir do diagnóstico, uma relativa reestruturação da rotina familiar de trabalho e lazer.

No Bom Sucesso II, os resultados seguiram a mesma linha dos obtidos no Paciência. A técnica foi realizada com oito famílias de diferentes regiões do assentamento. A reflexão familiar sobre as tarefas diárias realizadas por cada membro da família cumpriu papel fundamental na reorganização de horários e atividades. A rotina das famílias que trabalham com a produção de leite foi a que mais sofreu mudanças após a discussão da rotina diária. Alguns assentados passaram a ordenhar o gado apenas uma vez por dia, para que o tempo com lazer fosse um pouco mais valorizado. Isso, é claro, sem que houvesse uma perda relevante na produção do rebanho. De forma geral, a técnica da rotina diária, além de aproximar mais o pesquisador/técnico do núcleo familiar, proporciona um momento para a reflexão familiar sobre suas atividades e seus horários.

Diagrama de Venn

A técnica consiste na discussão com o grupo ou a comunidade sobre os órgãos e entidades que, direta ou indiretamente, estão envolvidas com o cotidiano do assentamento. Após o levantamento de todas as entidades, os assentados começam a discutir sua importância e sua presença física no assentamento. Em seqüência, desenha-se um círculo maior que representa o assentamento, sendo que as “bolas” das entidades devem ser desenhadas pelos assentados, ao redor ou dentro deste grande círculo. A distância das bolas irá representar a atuação dessas entidades, ou seja, quanto mais perto da bola do assentamento as entidades aparecem, maior sua atuação (TERRA, 1997; COELHO, 2005). O tamanho da bola significa a importância da entidade para o desenvolvimento do assentamento.

Nos assentamentos pesquisados, a técnica do Diagrama de Venn (Figura 3) foi desenvolvida em uma assembléia com todas as famílias assentadas. Um técnico trabalhou como facilitador,

promovendo o levantamento e a discussão sobre cada entidade. Enquanto isso, outros técnicos de diferentes especialidades anotaram todas as informações geradas tanto na discussão principal como nos cochichos de grupos menores. Com esta técnica foi possível compreender a atuação de diversas entidades dentro do assentamento e, ao mesmo tempo, promover um debate sobre sua importância para o desenvolvimento e estruturação do projeto de assentamento. Nesse caso, a técnica foi importante também para o estabelecimento de possíveis entidades parceiras nos projetos de desenvolvimento da área.

No PA Paciência, durante a realização da técnica, foram definidas as parcerias a serem estabelecidas com cada entidade, organização ou instituição. Discutiu-se, nesse sentido, o papel que deveria ser cobrado de cada parceiro do assentamento. Ou seja, qual deveria ser a função da associação do assentamento, da entidade técnica, do INCRA etc. A atividade teve importância também formativa, esclarecendo o encargo de cada instituição ou entidade que tinha alguma relação estabelecida com o Projeto de Assentamento. No Bom Sucesso II, o resultado não foi muito diferente do que se observou no caso do Paciência. Foram levantadas todas as entidades parceiras e o papel a ser executado por cada uma delas. Procurou-se também analisar o que deveria ser feito para aproximar as organizações que estavam mais distantes do assentamento.

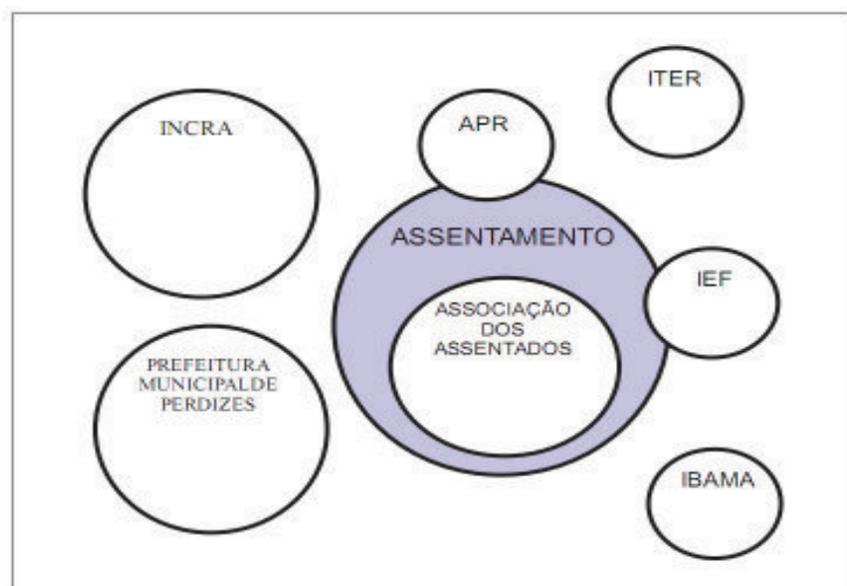


Figura 3. Técnica do Diagrama de Venn desenvolvida no Projeto de Assentamento Bom Sucesso II em Julho de 2006. Fonte: Dados da pesquisa, 2006.

Realidade e desejo

A técnica realidade/desejo (Figura 4) é importante para levantar o ponto de vista dos produtores assentados com relação a temas previamente estabelecidos, levantando expectativas, formas e processos de como realizá-las (TERRA, 1997). Nesse momento, serão levantados os sonhos de

cada grupo com relação a cada tema. No entanto, a reflexão sobre a realidade é primordial para o sucesso do planejamento. O papel do facilitador é de animar a discussão de cada tema, ajudando os participantes a levantarem as principais dificuldades de cada área e suas possíveis soluções. Nos assentamentos pesquisados, esta técnica foi utilizada no momento de planejamento das atividades para o desenvolvimento do assentamento. Estabeleceu-se, de forma democrática, assim, a atual situação para cada problema (realidade) e propuseram-se possíveis alternativas para solucioná-los (desejo).

O momento de realização desta técnica envolve, via de regra, uma grande ansiedade das famílias assentadas. Tanto no PA Paciência como no Bom Sucesso II, foi levantada, pelos assentados, uma grande quantidade de *desejos* (ou sonhos). Foi interessante, contudo, nas duas áreas, a priorização das necessidades mais básicas, com acesso à água. Nos dois assentamentos esta foi a ação prioritária elencada no diagnóstico. O momento de realização da técnica promoveu, ainda, um espaço para o debate sobre as prioridades do assentamento, assim como, as prioridades de cada grupo de assentados. A técnica cumpriu papel, assim, de facilitadora da discussão coletiva da associação dos assentados.

| DESEJO | REALIDADE |
|--|--|
| Participação nas reuniões | Muito autoritária/poucos participam |
| Plantio de árvores de contenção | Existência de voçorocas |
| Fortalecimento de proposta coletiva de venda | Dificuldades de comercialização do leite |
| Poço artesiano (discutir com INCRA e Prefeitura) | Falta de água para irrigação |
| Organizar curso com IEF e IBAMA | Pouco conhecimento de leis ambientais |

Figura 4. Técnica Realidade e Desejo realizada no Projeto de Assentamento Paciência em Março de 2007. Fonte: Dados da Pesquisa, 2007.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma postura mais dialética diante do trabalho com comunidades rurais nos remete a uma prática profissional e social menos alienada e um pouco mais consistente, tanto em seu processo como nos resultados obtidos. Nesse contexto, é condição prévia a compreensão da educação como prática social de conscientização e libertação. Nesse sentido, o ponto de partida é que busquemos entender a educação, dialeticamente, como um processo e não como algo estático e fixo. Este processo deve permitir que estejamos constantemente “aprendendo e reaprendendo”, “criando e recriando” nosso próprio processo de desenvolvimento e sobrevivência.

Da mesma forma, o processo de diagnóstico e planejamento em comunidades rurais e, especificamente, em assentamentos de reforma agrária, deve promover a libertação e a emancipação dos atores envolvidos. Entende-se que metodologias desenvolvidas “de cima para baixo” estão ultrapassadas nesse contexto. É importante que o povo participe ativamente no planejamento de sua própria existência. Nesse sentido, entende-se que as metodologias participativas e, especialmente, as técnicas de DRP têm muito a contribuir. Tais técnicas e metodologias não devem, contudo, repetir os erros do passado. Devem mostrar-se realmente participativas, promovendo o protagonismo dos atores sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDENAVE, J. E. D. **O que é participação**. 1. São Paulo: Brasilense, 1983. (Coleção Primeiros Passos, 95).

CHAMBERS, R.; GUIJT, I. DRP: después de cinco años, em qué estamos ahora? **Revista Bosques, Arboles y Comunidades Rurales**, Quito: FAO, n. 26, p. 4-14, 1995.

COELHO, F. M. G. **A arte das orientações técnicas no campo**: concepções e métodos. Viçosa: UFV, 2005.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GOMES, M. A. O. et al. Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) como mitigador de impactos socioeconômicos negativos em empreendimentos agropecuários. In: BROSE, M. **Metodologia participativa**: uma introdução a 29 instrumentos. Porto Alegre: Tomo Editorial, p. 63-78, 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PRETTY, J.; GUIJT, I.; THOMPSON, J.; SCOONES, I. **Participatory learning and action: a trainer's guide**. London: IIED, 1995.

TERRA. **Relatório de diagnóstico e planejamento participativo do meio rural do município de Cabo Verde – MG**. Cabo Verde, 1997.